

10. 11. 60
19. 10. 60

A CRÔNICA de Rubem Braga

DE NOVO A HANNA

O REDATOR econômico de O GLOBO deu curso ontem a rumores segundos os quais a Cia. Vale do Rio Doce estaria concluindo um acôrdo com a Hanna para que esta possa explorar e exportar o minério de ferro das jazidas do Vale do Paraopeba.

Até há pouco a Cia. Vale do Rio Doce era contra as pretensões do grande grupo estrangeiro; eu mesmo posso dar testemunho disso, pois, tendo escrito uma crônica desfavorável à proposta da Hanna, recebi um gentil convite para procurar a direção da Vale do Rio Doce no Rio, que desejava que eu visitasse suas instalações no Espírito Santo e em Minas. Adiei a visita, por um motivo e outro, mas fiquei contente em notar que a organização brasileira parecia vigilante contra as arremetidas da Hanna, que a essa altura já se escorava em farta matéria paga nos jornais.

Não conheço — nem eu nem ninguém, pois êsses entendimentos estão sendo conduzidos na maior moita — os termos do acôrdo que a Hanna está negociando com os diretores da Vale do Rio Doce. Mas há um ponto muito importante a considerar. Os que se opõem às pretensões da Hanna não visavam nem visam apenas a resguardar os interesses da empresa nacional. O problema não é apenas êste, como também não é o de dar renda ou prejuizo à Central do Brasil. A questão deve ser encarada do ponto-de-vista de uma política geral de exportação de minérios, exportação que só é compreensível se importar em compensações iniludíveis no terreno industrial. O negócio da Hanna, nas bases que se tornaram conhecidas, era de estilo perfeitamente colonial; ia-se o minério, vinham os dólares e depois se ia a maior parte dêstes como lucro da empresa internacional. Ficariamos apenas com os buracos, ou pouco mais.

Como se está entendendo com a Vale do Rio Doce, pode a Hanna entender-se muito bem com os atuais exportadores de minério do Vale do Paraopeba; os lucros do negócio que ela tem em mãos são de tal ordem que não lhe será difícil contentar êsses interesses contrários. Mas no caso não se trata apenas de neutralizar ou esmagar êste ou aquêle grupo; há em jôgo altos interesses nacionais que só devem ser discutidos em um plano superior.

Tanto o Marechal Lott como o Sr. Jânio Quadros manifestaram-se, durante a campanha eleitoral, contra o negócio da Hanna. Isto explica a pressa de seus advogados em tentar a todo preço um acôrdo que dê uma nova aparência ao negócio, para impô-lo ao novo Presidente como fato consumado. Enquanto os políticos se esgoelavam em praça pública, os homens de negócio iam trabalhando em surdina, vencendo resistências, comprando escrúpulos, ajeitando dificuldades.

Ora, não é possível permitir que assunto de tal transcendência, que já é, inclusive, objeto de uma comissão parlamentar de inquérito, seja resolvido nessa base de cochichos suspeitos e arranjos secretos.

172